

SUBVERSÃO E RESISTÊNCIA EM *QUERIDA KONBINI*, DE SAYAKA MURATA

DESAFIANDO OS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO DA SOCIEDADE JAPONESA

Joana Tainá Batista Costa
(Universidade Estadual do Piauí - UESPI)

Algemira de Macedo Mendes
(Universidade Estadual do Piauí - UESPI)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES	
Joana Tainá Batista Costa é Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí. Licenciada em Letras Portugueses pela UFPI – Universidade Federal do Piauí.	
Algemira de Macedo Mendes é Doutora em Letras pela PUCRS e professora associada IV PPGL – UESPI - Bolsista de produtividade /CNPQ.	

RESUMO	ABSTRACT
Neste trabalho será explorado como a narrativa <i>Querida Konbini</i> , de Sayaka Murata, oferece uma perspectiva peculiar sobre a experiência social das mulheres no Japão. A obra é narrada em primeira pessoa a partir da perspectiva da personagem Keiko Furukura, uma mulher de 36 anos, solteira, funcionária de uma Konbini (loja de conveniências no Japão) e que nunca teve um relacionamento amoroso. No decorrer da pesquisa, será exemplificado quais são as características de Keiko que fazem dela uma figura incomum, considerada desajustada em relação à performance esperada de uma mulher e como essas características se tornam elementos de resistência e subversão. Com intuito de embasar as discussões sobre os moldes femininos esperados dentro da sociedade japonesa no romance de Murata, serão utilizadas as pesquisas de Hafizh e Herlina (2022). Sobre as questões de gênero, performance e padronização dos corpos, serão utilizadas as reflexões de Judith Butler (2019) e, com relação ao papel do trabalho da personagem em uma loja de conveniência como representação de autonomia, será levada em consideração a pesquisa de Nicolai (2018). A partir das análises feitas, constatou-se como a personagem Keiko desafia os estereótipos de gênero impostos no contexto sociocultural japonês por meio de comportamentos particulares e considerados subversivos.	In this work we will explore how the narrative <i>Querida Konbini</i> , by Sayaka Murata, offers a peculiar perspective on the social experience of women in Japan. The work is narrated in first person from the perspective of the character Keiko Furukura, a 36-year-old woman, single, employee of a Konbini (convenience store in Japan) and who never had a romantic relationship. In the course of the research, it will be exemplified what are the characteristics of Keiko that make her an unusual figure, considered unadjusted to the expected performance of a woman and how these characteristics become elements of resistance and subversion. In order to base the discussions on the female patterns expected within Japanese society in Murata's novel, the research of Hafizh and Herlina (2022) will be used. On the issues of gender, performance and standardization of bodies, the reflections of Judith Butler (2019) will be used and, with regard to the role of the character's work in a convenience store as a representation of autonomy, the research of Nicolai (2018) will be taken into account. From the analysis, it was found how the character Keiko challenges the gender stereotypes imposed in the Japanese sociocultural context through particular behaviors and considered subversive.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Gênero; Performance; Japão; Estereótipo; <i>Konbini</i> .	Gender; Performance; Japan; Stereotype; <i>Konbini</i> .

INTRODUÇÃO

A literatura contemporânea tem desempenhado um papel vital na desconstrução de estereótipos culturais, sociais e estéticos, destacando questões complexas que muitas vezes passam despercebidas. Em *Querida Konbini* (2019), obra de Sayaka Murata, a autora mergulha na sociedade japonesa, expondo os estereótipos que envolvem a figura feminina.

Trata-se de uma narrativa em primeira pessoa, contada a partir da perspectiva da Keiko Furukura, uma mulher de 36 anos, solteira, sem um trabalho considerado socialmente relevante e que nunca teve um relacionamento amoroso. Desde a infância, a personagem é socialmente desajustada e tida como “anormal”, pois aparentemente não sabe lidar bem com o convívio social tanto no quesito comportamental quanto nas relações pessoais.

A história inicia com a personagem sendo mais jovem, mais especificamente aos 18 anos, descrevendo como ela conseguiu um trabalho temporário em uma konbini, sendo somente nesse ambiente micro e mecanizado que ela conseguiu se sentir “aceita”. As konbinis são lojas de conveniência japonesas, bastante comuns no Japão, conhecidas por funcionar 24 horas durante todos os dias do ano, as quais normalmente são compostas por funcionários temporários e o trabalho é extremamente mecanizado, metódico e repetitivo.

É dentro desse contexto que a escritora Sayaka Murata constrói uma atmosfera conflituosa sobre o que é esperado dos indivíduos dentro de uma sociedade, retratando os padrões sociais impostos no contexto japonês, principalmente em relação às mulheres e à performance do gênero feminino. A autora também traz discussões voltadas à não aceitação dos indivíduos fora dos padrões, à mecanização do trabalho e aos conflitos existenciais.

Diante disso, neste artigo, será examinado de que maneira a narrativa de Murata vai além das normas sociais convencionais, proporcionando uma visão singular sobre a vivência feminina no Japão. Além disso, serão destacadas as características particulares da personagem principal, conforme delineadas na obra, que a tornam uma figura atípica, desviando das expectativas associadas ao comportamento feminino. Será analisado como essas características se transformam em elementos de resistência e subversão para Keiko, desafiando, assim, as convenções estabelecidas para mulheres na sociedade japonesa.

Para fundamentar as discussões sobre os padrões femininos dentro do contexto do romance de Murata, serão utilizadas as pesquisas de Hafizh e Herlina (2022). Além

disso, serão abordadas as questões de gênero, performance e padronização dos corpos com base nas reflexões de Judith Butler (2019). Ademais, será considerado o papel do trabalho de Keiko em uma loja de conveniência como uma expressão de autonomia, apoiando-se na pesquisa de Nicolai (2018). Por meio dessas análises, será possível identificar como a personagem principal desafia de maneira contundente os estereótipos impostos pelo contexto sociocultural japonês.

1 ESTEREÓTIPOS E O CONTEXTO SOCIOCULTURAL JAPONÊS

Como análise inicial da obra, é primordial compreender brevemente o contexto sociocultural japonês, que influencia na representação das mulheres. O Japão, embora moderno em muitos aspectos, ainda mantém raízes profundas em tradições patriarcais, com expectativas rígidas sobre o papel da mulher na sociedade, muitas vezes, resultando em estereótipos limitadores.

Herlina e Hafizh (2022), no artigo intitulado de “Woman stereotype in the novel Convenience store woman, by Sayaka Murata¹”, descrevem como os padrões sociais impostos no Japão e descritos no romance de Murata influenciam na maneira como Keiko se sente e como os demais indivíduos enxergam os comportamentos da personagem.

No contexto japonês, há uma forte pressão social sobre as mulheres para se casarem e formarem famílias – existe uma crença cultural de que a realização feminina está intrinsecamente ligada à vida doméstica e à maternidade. Mulheres solteiras, especialmente aquelas que ultrapassam uma certa idade, como é o caso da protagonista Keiko, podem enfrentar estigmatização e questionamentos sobre suas escolhas de vida.

A personagem, por ter 36 anos e não ser casada ou possuir um emprego fixo, recebe diversas críticas e questionamentos ao longo da narrativa, pois, para os demais indivíduos integrantes da realidade representada na narrativa, Keiko parece ser uma figura estranha exatamente por não cumprir aquilo que a sociedade impõe. De acordo com Herlina e Hafizh (2022), esses estereótipos são:

[...] a form of judging someone without considering the merits of the value, this stereotype is often attached to women. This proves that women are still shackled by the existence of prejudice and negative labeling, thus giving rise to gender inequality. Patriarchal culture also influences the formation of women's stereotypes² (Herlina; Hafizh, 2022, p. 275).

¹ “Estereótipo da mulher no romance Querida Konbini, de Sayaka Murata” – tradução nossa

² “Uma forma de julgar alguém sem considerar o mérito do valor, esse estereótipo muitas vezes é atribuído às mulheres. Isso comprova que as mulheres ainda estão presas pela existência de preconceitos e rotulações negativas, dando origem

Os pesquisadores pontuam que os estereótipos dentro do contexto japonês constituem uma parte significativa na construção das figuras das mulheres ideais, conseqüentemente, influenciando na maneira como são mal vistas caso não sigam os padrões impostos. Herlina e Hafizh (2022, p. 276) reiteram que “Patriarchal culture also affects women's perceptions, according to those who adhere to patriarchal culture, women must follow what is considered appropriate by society and must not deviate from rules or norms³”, e isso explica a estranheza dos demais indivíduos da narrativa perante a figura de Keiko, pois ela não se encaixa nessa percepção, tampouco é afetada por ela.

Embora no Japão a realização feminina esteja intrinsecamente ligada ao matrimônio e ao ambiente doméstico, muitas mulheres, ao longo dos anos, conquistaram espaço no mercado de trabalho, construindo carreiras promissoras. Entretanto, apesar do aumento da participação no âmbito profissional, persistem desafios relacionados à igualdade de gênero nas empresas, visto que muitas ainda enfrentam barreiras para avançar em suas carreiras devido às expectativas culturais de que devem priorizar a família sobre o trabalho.

A sociedade japonesa valoriza a conformidade e a obediência às normas sociais, e as mulheres muitas vezes são criadas para aderir a padrões de comportamento enraizados por essa mentalidade, sendo educadas para serem dóceis, respeitadas e modestas, assim, a expressão de individualidade fora desse modelo costuma ser desencorajada e questionada.

Em decorrência disso, Keiko acaba sendo completamente estranha e mal vista, pois além de não possuir emprego e um relacionamento, a personagem não apresenta traços de docilidade e modéstia, ao contrário disso, a personagem possui dificuldades de interação social e traços comportamentais que divergem daquilo esperado para uma mulher.

Em um trecho da narrativa, Keiko visita uma amiga chamada Miho e o choque de realidades fica evidente no diálogo entre as personagens. Miho é uma mulher casada, com filho e que mora com o marido; os quais costumam fazer algumas reuniões com amigos para falar sobre a vida. Ao se deparar com essa realidade, fora do seu contexto de trabalho, Keiko reflete sobre como é ter o contato com aquela atmosfera considerada “normal” para uma mulher:

Depois que Miho se casou, ela e seu marido compraram uma casa de

à desigualdade de gênero. A cultura patriarcal também influencia a formação de estereótipos femininos” (Herlina; Hafizh, 2022, p. 275, tradução nossa).

³ “A cultura patriarcal também afeta as percepções das mulheres, segundo aqueles que aderem à cultura patriarcal, as mulheres devem seguir o que é considerado apropriado pela sociedade e não devem se desviar de regras ou normas”. (tradução nossa)

segunda mão onde ela agora costuma fazer pequenas festas com seus amigos. Há momentos em que sinto que é muito incômodo, sabendo que tenho que trabalhar no dia seguinte, mas é a única conexão que tenho com o mundo fora da loja de conveniência e uma oportunidade preciosa de me misturar com mulheres "normais" da minha idade, então geralmente aceito seus convites. Hoje havia Yukari e seu filho pequeno, e Satsuki, que era casado, mas ainda sem filhos, todos trouxemos bolos para tomar com chá (Murata, 2019, p. 32).

Fora da atmosfera da konbini, os únicos momentos em que a personagem consegue se sentir incluída no meio social é quando visita suas amigas, embora para Keiko essas visitas sejam algo mais observacional, isto é, a personagem observa como é o comportamento e a vida de indivíduos tidos como "normais", inevitavelmente também acaba sendo observada e questionada por esses indivíduos; enquanto ela observa o estereótipo de "normalidade", os demais julgam sua estranheza.

Herlina e Hafizh (2022, p. 277) comentam sobre a figura de Keiko, que "In the end, the differences between Keiko and society give her a negative label because she can't meet society's expectations"⁴, ou seja, embora a personagem às vezes tente performar e se inserir em um contexto social habitual, ela continua sendo julgada pelos demais, pois as diferenças modelam a perspectiva dos indivíduos, principalmente em relação àqueles que não se encaixam.

Ao analisar Querida Konbini à luz desses padrões socioculturais, torna-se evidente como a obra destaca e critica muitos desses aspectos. A personagem de Keiko desafia diretamente as normas tradicionais, proporcionando uma lente perspicaz para examinar e questionar as expectativas impostas à figura da mulher na sociedade japonesa contemporânea.

2 SUBVERTENDO A PERFORMANCE HABITUAL DE GÊNERO

As performances de gênero fazem parte da constituição de todos os contextos socioculturais, moldando através dos anos as concepções do que seria "ser homem" e "ser mulher". No romance de Murata, essas performances são delineadas de forma sutil e sarcástica por meio da figura de Keiko e outro personagem que aparece no decorrer da trama, Shiraha, seu colega de trabalho e com quem ela desenvolve uma peculiar relação. A autora, além de criticar os modelos comportamentais impostos, tenta, no decorrer da trama, demonstrar como Keiko desconstrói aquilo que seria uma performance feminina adequada.

⁴ "No final, as diferenças entre Keiko e a sociedade lhe dão um rótulo negativo porque ela não consegue atender às expectativas da sociedade". (tradução nossa)

Em decorrência a isso, é possível estabelecer uma análise da obra tendo como lente as observações de Judith Butler (2019) no seu texto “Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre Fenomenologia e teoria feminista”, que discute sobre performance e revela uma profunda desconstrução dos estereótipos e normas sociais consolidados pela tradição que envolve a feminilidade. Butler é conhecida por sua teoria da performatividade de gênero, o qual não é sugerido como uma característica inata, mas sim, uma série de ações repetitivas que constituem as identidades de gênero.

Na narrativa, a personagem opõe-se ativamente às normas de gênero por meio de sua escolha de vida não convencional. Ao trabalhar em uma konbini em vez de se casar e seguir um caminho tradicional – o de ter uma profissão considerada mais “promissora”, casar e ter filhos – Keiko desestabiliza as expectativas culturais sobre o viver enquanto mulher japonesa. A resistência da personagem é expressa por meio de sua performance cotidiana, ao rejeitar conscientemente as expectativas impostas a ela. Com isso, Keiko não apenas vive fora das normas sociais, mas também as desafia por meio de suas ações e escolhas.

A teoria de Butler destaca que o gênero é uma construção social que ocorre por meio de performances repetidas e que o corpo humano seria um conjunto de possibilidades dessas performances. A autora coloca que:

O corpo é um conjunto de possibilidades, porque: 1) a forma como ele existe no mundo e como é percebido pelos outros não é predeterminada por uma essência interior; e, 2) a sua expressão concreta no mundo deve ser entendida como a acepção e a expressão de um conjunto de possibilidades históricas (Butler, 2019, p. 225).

Em diálogo com as considerações de Butler, a escolha de Keiko de se desviar das expectativas sociais não apenas questiona as normas existentes, mas também sugere que a identidade de gênero pode ser construída de maneira diferente, consciente e subversiva.

Concomitante a isso, Butler explora a relação entre o corpo e a identidade de gênero, sugerindo que as performances moldam a compreensão cultural do corpo. A autora diz que “Consideremos gênero, então, como um estilo corporal, um ‘ato’, que é intencional e performático, em que ‘performático’ tem ao mesmo tempo uma carga ‘dramática’ e outra ‘não referencial’” (Butler, 2019, p. 226). No contexto de Querida Konbini, Keiko desafia tanto as normas de gênero quanto as expectativas em relação ao corpo feminino, destacando sua autonomia.

Para o contexto sociocultural japonês, e em outras culturas também, o corpo feminino é estigmatizado para ser perfeito, atraente, bem cuidado, magro e voltado

para figura do homem, em especial o marido. Embora as sociedades contemporâneas tenham evoluído e se desprendido de alguns desses estigmas, a mulher continua sendo marcada por isso, pois essas questões estão enraizadas historicamente no gênero feminino e qualquer mulher que tente se distanciar dessa representação e busque ter a autonomia sobre o próprio corpo acaba recebendo críticas. É possível notar essa questão em um trecho da narrativa, que ilustra um diálogo entre Keiko e Shiraha:

- Como você consegue ficar tão tranquila, Furukura? Você não sente vergonha?
- Vergonha? De quê?
- De trabalhar como temporária nessa idade, sem ter nenhum marido em vista! Mulheres como você, mesmo sendo virgens, já se tornam produtos de segunda mão. Produtos danificados. No período Jomon, as mulheres que não tinham mais idade para ter filhos não casavam mais, ficavam só vagando à toa, um peso para a aldeia. Eu, que sou homem, ainda posso dar a volta por cima, mas você já não tem mais salvação. Você não entende isso? (Murata, 2019, p. 88).

O questionamento dirigido à Keiko reflete a internalização das normas de gênero pelo personagem que a crítica. A ideia de que uma mulher deve ter um marido e que sua valia está ligada à maternidade é profundamente enraizada na cultura patriarcal, e a expressão "produtos de segunda mão" destaca como seu valor é literalmente medido com base no corpo, no casamento e na maternidade, critérios convencionados e endossados pela tradição. Essa visão perpetua a noção de que a identidade e o valor de uma mulher estão intrinsecamente ligados à sua conformidade com as expectativas preestabelecidas.

O diálogo também critica até mesmo mulheres virgens que não seguem o caminho convencional do casamento, demonstrando como a sociedade impõe normas rigorosas em relação ao estado civil, bem como ao valor percebido das mulheres com base em sua conformidade com a trajetória esperada. Ademais, ter trazido como parâmetro de comparação o período Jomon — momento da cultura japonesa datada antes de Cristo, no calendário gregoriano — em que as mulheres que não casavam eram consideradas um “peso para a aldeia”, mostra a quão antiga e solidificada é essa mentalidade que estigmatiza e subjuga a mulher japonesa, refletindo seus resquícios até nos dias contemporâneos, agindo de forma a sugerir que as mulheres, ao não seguirem o caminho tradicional, perdem sua utilidade.

A resposta de Keiko à crítica é notável; sua pergunta "Vergonha? De quê?" desafia diretamente os parâmetros que a questionam. Ao se recusar a internalizar o estigma associado à sua escolha de vida não convencional, a personagem demonstra resistência, questionando as narrativas culturais dominantes que buscam definir o valor

e a identidade das mulheres. A resistência em seguir performando e vivendo à sua singular maneira destaca como esses estereótipos são socialmente construídos e podem ser desafiados.

Através da lente de Butler, a performatividade da personagem não é apenas uma expressão individual, mas uma ferramenta de denuncia social. Sua escolha de desafiar os modelos de gênero oferece uma perspectiva única sobre as limitações impostas às mulheres na sociedade japonesa e, por extensão, em outras sociedades patriarcais. Sobre corpo e performance, Butler sugere que:

O corpo não é uma materialidade fatídica, terminada na sua própria imagem; ele é uma materialidade que carrega, pelo menos, certos significados, e esse carregar é fundamentalmente dramático. Por dramático, quero dizer que esse corpo não é apenas matéria, ele é uma materialização contínua e incessante de possibilidades. As pessoas não são seus corpos, mas fazem seus corpos – essa diferença de ser e fazer é fundamental. As pessoas, inclusive, fazem seus corpos de maneiras diferentes de outras pessoas que lhes são contemporâneas, das que as precederam e das que as sucederão (Butler, 2019, p. 225).

De acordo com a autora, o corpo é multável e pode ser construído de diversas formas, assim como a performatividade de determinado gênero associado àquele corpo. Não é limitado a uma forma única, mas sim a múltiplas e diversas, embora a sociedade tente firmar modelos padronizados.

Ao analisar a narrativa sob o prisma da teoria de Butler, percebe-se como a obra de Murata critica e questiona o macro da questão de gênero em uma sociedade culturalmente complexa. Keiko representa uma resistência consciente e lúcida que desafia as imposições de gênero e oferece uma contribuição significativa para a discussão sobre identidade, autonomia e liberdade de escolha.

3 O TRABALHO (DES)PRESTIGIADO COMO MEIO DE AUTONOMIA E RESISTÊNCIA

Sendo muitas vezes considerado o espelho de uma vida promissora e bem sucedida, o trabalho constitui uma parte significativa da vida dos indivíduos. Uma boa profissão sugere êxito na vida profissional e pessoal, já um trabalho que não possui tanto prestígio sugere uma vida de fracassos e poucas conquistas. A figura de Keiko, embora desconstrua padrões da sociedade em que está inserida, ainda continua sendo afetada pela ideia de fracasso profissional, visto que a personagem trabalha há 18 anos em um emprego que costumeiramente é temporário.

Para Keiko, o trabalho na konbini não é apenas uma fonte de renda, mas uma

parte essencial de sua autenticidade, sua conexão com o ambiente da loja de conveniência fornece a ela um senso de propósito e pertencimento, contrapondo-se às expectativas sociais que frequentemente vinculam a identidade feminina ao papel de esposa e mãe. Em um trecho da narrativa, a personagem expressa que só conseguiu se sentir pertencente à atmosfera da sociedade quando começou a trabalhar na konbini: “naquele momento, pela primeira vez eu fazia parte do mundo. Acabo de nascer, pensei. Sem dúvida, aquele dia marcou meu nascimento como uma peça no mecanismo do mundo” (Murata, 2019, p 26).

Manter-se no trabalho da loja, além de fornecer à Keiko uma identidade fora das expectativas convencionais, também permite que ela construa sua própria narrativa. Ao se afastar do caminho esperado, ela define seu próprio significado e propósito, destacando como o trabalho pode ser uma ferramenta para a autonomia e a autodeterminação.

No artigo intitulado de “The Modern Shape-shifter Maiden in Sayaka Murata’s Convenience Store Woman⁵” (2022), escrito por Raluca Nicolai, a autora pontua sobre a personagem que “Keiko seems happy with her life, especially when she has the chance to work in the convenience store, which has almost become a natural extension of her own body.” (Nicolai, 2022, p. 43), ou seja, a realização da protagonista consiste em trabalhar em uma loja de conveniência e, mesmo que não seja um trabalho considerado de prestígio, é o suficiente para se sentir integrante do mundo.

O trabalho na konbini não só desafia as expectativas sociais e culturais, mas também concede à Keiko a autonomia financeira suficiente para se virar sozinha. Essa independência financeira é fundamental para a resistência da própria personagem contra as pressões de se encaixar nos padrões, em que a estabilidade financeira muitas vezes é vinculada ao casamento. O serviço na loja de conveniência permite que ela construa seu próprio molde, sua própria história singular. Nicolai reitera sobre a postura da personagem que:

Keiko keeps doing her job to a point in her life when everyone is waiting for her to get married or get a better job, but neither of these things particularly appeals to her. Even if she finds that the others’ expectations are quite illogical from her own point of view, she tries to play along and develop a set of automated replies that can get her out of any unpleasant situation⁷ (Nicolai, 2022, p. 43).

⁵ “A moderna donzela metamorfa em Querida Konbini, de Sayaka Murata” (tradução nossa)

⁶ “Keiko parece feliz com sua vida, principalmente quando ela tem a chance de trabalhar na loja de conveniência que quase se tornou uma extensão natural de seu próprio corpo.” (tradução nossa)

⁷ “Keiko continua fazendo seu trabalho até um ponto em sua vida em que todos estão esperando por ela se casar ou conseguir um emprego melhor, mas nenhuma dessas coisas a atrai particularmente. Mesmo que ela ache que as

Mesmo sofrendo críticas e vivendo sob o julgamento dos outros personagens que se encaixam no modelo preestabelecido, a figura da protagonista em alguns momentos se diverte com a situação, pois para ela parece irracional e ilógico que a felicidade seja resumida a questões tão limitantes como casamento e um trabalho prestigiado, demonstrando sempre estar satisfeita com a vida simples que tem.

Durante toda a obra, é destacado o contraste entre os anseios sociais e a realidade das escolhas de Keiko. O questionamento que ela enfrenta devido ao seu status de emprego temporário e sua falta de matrimônio ilustra como a sociedade muitas vezes mede o valor das mulheres por padrões convencionais, enquanto a protagonista busca apenas uma validação alternativa.

Em alguns momentos, com tom sarcástico, a fala da personagem demonstra como as imposições limitantes do contexto em que se encontra parecem reproduzir a lógica de um microrganismo: “O padrão do mundo é compulsório e os corpos estranhos são eliminados sem alarde. Os seres humanos fora do padrão acabam sendo retificados. Então é por isso que eu preciso me curar! Se não fizer isso, serei eliminada pelas pessoas normais” (Murata, 2019, p. 80). É possível notar que, mesmo se sobressaindo das imposições, a personagem ainda se sente incomodada pela postura das pessoas tidas como “normais”, mas esse incômodo não a impede de continuar seguindo sua vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as análises feitas, foi possível observar que a protagonista Keiko Furukura desafia ativamente os estereótipos de gênero arraigados na sociedade japonesa. Sua escolha de permanecer solteira, trabalhar em uma konbini e resistir às normas tradicionais destaca como a desconstrução de estereótipos é fundamental para questionar e remodelar as expectativas culturais.

A teoria de Judith Butler sobre performances de gênero destaca-se na análise da resistência da personagem, sua performatividade consciente fora dos padrões desafia as normas estabelecidas, revelando como as ações individuais podem desempenhar um papel essencial na subversão das expectativas sociais.

Ademais, o papel do trabalho na konbini emerge como uma ferramenta poderosa para a autonomia de Keiko, visto que, além de proporcionar independência financeira, o emprego é primordial na construção de sua identidade fora dos padrões tradicionais, permitindo-lhe resistir e explorar sua individualidade.

Em suma, a obra de Sayaka Murata transcende as fronteiras da literatura ao proporcionar uma análise crítica e provocativa das questões de gênero na sociedade

expectativas dos outros são bastante ilógicas do seu próprio ponto de vista, ela tenta brincar e desenvolver um conjunto de respostas automatizadas que podem tirá-la de qualquer situação desagradável.” (tradução nossa)

japonesa contemporânea. Ao desafiar estereótipos, Keiko protagoniza uma narrativa que contribui significativamente para os diálogos sobre identidade, resistência e gênero e a busca pela autenticidade em meio às pressões culturais. Além disso, ela se torna mais do que uma personagem ficcional, sendo uma voz que ecoa a necessidade de questionar e transformar as normas que moldam a experiência feminina.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre Fenomenologia e teoria feminista. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 222-240.
- MURATA, Saraka. **Querida konbini**. Tradução: Rita kohl. São Paulo: Estação liberdade, 2019.
- NICOLAEI, Raluca. The Modern Shape-shifter Maiden in Sayaka Murata's Convenience Store Woman. **Dialogos**, vol. 35, 2018, p.41-55.
- HAFIZH, Muhd Al. HERLINA, Mutiara Oktavia. Woman stereotype in the novel Convenience store woman by Sayaka Murata (2016). **JELL**, Vol. 11 No. 3. Setembro, 2022, p. 276 -284.